

# O gênero relatório técnico-científico: contribuições para seu ensino

**Sueli Correia Lemes Valezi**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

**Lília Santos Abreu-Tardelli**

Universidade Estadual Paulista

**Elvira Lopes Nascimento**

Universidade Estadual de Londrina

**Resumo:** Este artigo objetiva apresentar um modelo didático do relatório técnico-científico, a fim de auxiliar o professor a instrumentalizar suas ações didáticas em cursos técnicos ou superiores. Para isso, parte de uma síntese dos estudos desenvolvidos sobre esse gênero de modo geral, tendo sido encontrados principalmente pesquisas sobre relatório de estágio e relatório técnico-científico. Faz também um levantamento bibliográfico em documentos prescritivos e elenca as características contextuais e linguístico-enunciativas principais do gênero em foco. A descrição do gênero selecionado baseia-se nas análises feitas por Valezi (2014) para construir as características das condições de produção, da infraestrutura textual, dos mecanismos de textualização e enunciativos, conforme o quadro de análise textual proposto por Bronckart (1999). Essa caracterização do gênero ofereceu subsídios para a construção do modelo didático desse instrumento semiótico apresentado neste artigo e, conseqüentemente, pode auxiliar na elaboração de sequências didáticas (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004) para seu ensino.

**Palavras-chave:** Relatório técnico-científico; Modelo didático de gênero; Ensino.

**Title:** Technical-scientific report: contributions to its teaching

**Abstract:** This article aims to present a didactic model of the technical-scientific report in order to help teachers with their didactic actions in technical or undergraduate courses. In order to do this, it summarizes the researches on this genre, mainly on internship, and technical-scientific types. A bibliographical survey in prescriptive documents is conducted and the main contextual and linguistic-enunciative characteristics of the genre are also presented. The description of the genre is based on the textual analysis done by Valezi (2014), as she listed the characteristics of the context of production conditions, the textual infrastructure, the textualization and enunciative mechanisms, according to the textual analysis framework proposed by Bronckart (1999). This characterization of the technical-scientific report supported the construction of the didactic model presented in this paper and, consequently, it can guide the elaboration of didactic sequences (DOLZ, NOVERRAZ and SCHNEUWLY, 2004) for its teaching.

**Keywords:** Technical-scientific report; Didactic model; Genres and Portuguese teaching.

## **Introdução**

Este trabalho objetiva apresentar uma síntese dos estudos desenvolvidos pelas pesquisadoras que visa à compreensão do gênero relatório técnico-científico, seus tipos e suas características contextuais e linguístico-enunciativas principais. Essa síntese tem o intuito de auxiliar os professores que solicitam esse gênero textual em cursos técnicos ou superiores a melhor instrumentalizá-los no conhecimento do gênero e em seu trabalho em sala de aula. Este estudo levou em consideração investigações desenvolvidas por outros pesquisadores sobre o gênero relatório de modo geral, tendo sido encontrados principalmente trabalhos sobre relatório de estágio e relatório técnico-científico. Nosso interesse no último deles deve-se ao fato de ser um gênero ainda bastante solicitado em áreas das ciências exatas e biológicas, tanto em nível técnico quanto superior, mas pouco trabalhado em relação ao ensino. Portanto, além de estudos realizados, apoiamos-nos também nas prescrições sobre o

gênero, mais especificamente, na NBR 10719 (2015), que prescreve o gênero relatório técnico-científico, e nos manuais de redação científica, por dois motivos: pelo fato de as normas da ABNT e os manuais de metodologia científica serem referência de consulta nos meios acadêmicos pelos professores que solicitam esse gênero e pelo fato de essas prescrições existentes (e que circulam socialmente) serem fundamentais no aporte teórico que nos embasamos para a construção de um modelo didático de gênero (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004).

Conceituamos, inicialmente, o que estamos chamando de relatório técnico-científico para, em seguida, discutirmos o gênero enquanto escrita profissional sobre um agir técnico, considerando-o como um objeto a ensinar. No terceiro tópico, abordamos a concepção de relatório técnico-científico conforme concebe a literatura filiada à metodologia científica e às prescrições científicas. No quarto tópico, apresentamos a análise do gênero relatório técnico-científico<sup>1</sup> com base no modelo de análise textual do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD), englobando as condições de produção, a infraestrutura textual, os mecanismos de textualização e enunciativos. Finalizamos com orientações sobre os elementos ensináveis do gênero.

## **1 Os relatórios enquanto escrita acadêmica sobre um agir ou uma experiência**

No meio acadêmico, são vários os textos solicitados que se enquadram no gênero maior relatório. Dentre eles, os textos que registram atividades laboratoriais nos quais são apresentados resultados obtidos das atividades ou experiências realizadas, descrevem ações e/ou objetos e expõem discussões referentes aos resultados obtidos em uma atividade técnica. De modo semelhante, ao final de muitos cursos de graduação podem ser exigidos, do estudante, textos que se caracterizam

---

<sup>1</sup> Adotamos a classificação de relatório técnico-científico, porque os modelos analisados se efetivaram em ambas as esferas de atividade: técnica, pois são instrumentos que medeiam tanto o agir profissional e técnico; e científica, pois eles também têm a função de mediar ações do meio acadêmico.

estruturalmente como Relatórios Técnico-Científicos e que equivalem a Trabalhos de Conclusão de Curso, em substituição às monografias (MICHEL, 2005). De acordo com essa autora, estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado são solicitados a escreverem relatório da pesquisa realizada. Também são solicitados relatórios de estágio de regência e de observação de aulas, como evidencia Leurquin (2013). Segundo essa autora, os dois tipos de relatórios possuem pontos em comum em sua estrutura, mas com uma diferença: enquanto o relatório de estágio descreve e analisa o agir do próprio autor do relatório, sendo ele um professor em formação, o relatório de observação serve para descrever e analisar e o agir de um professor em uma escola de educação básica.

Geralmente, os relatórios são apresentados como uma tarefa a ser realizada para cumprimento de uma exigência acadêmica. Sua função sociocomunicativa é semiotizar, por meio de estruturas linguísticas descritivas e/narrativas, os resultados ou as ações desenvolvidas após uma atividade de trabalho relacionada às práticas languageiras acadêmicas. E, assim como vários outros gêneros, os textos produzidos na esfera acadêmica são solicitados com a função sociocomunicativa de avaliar o desempenho do estudante para a progressão dele no curso ou mesmo sua conclusão, e muitas vezes, pouca ou nenhuma proposta pedagógica é proporcionada ao estudante para capacitá-lo a agir adequadamente nessas práticas languageiras/de linguagem.

Oliveira e Trivelato (2013) e Melo e Brito (2014) analisam relatórios de estágio supervisionado. O primeiro refere-se ao trabalho desenvolvido com estudantes de Ciências Biológicas na disciplina Prática de Ensino e Estágio Supervisionado e analisa o gênero e as funções enunciativas de locutor, enunciador e autor, tomando como base conceitos da Análise de Discurso (AD) de linha francesa. O segundo, referindo-se a uma disciplina de língua inglesa, verifica as representações feitas por alunos-mestres pela mobilização da literatura de motivação para o registro de suas experiências como professor em formação, sobre o *bom professor*, com base nos estudos de Pêcheux, em diálogo com a perspectiva bakhtiniana da linguagem. Costa, Silva e Francelino (2013) também trabalham com

relatórios de estágio e procuram entender a construção da identidade do professor em formação de um curso de Letras, na função social de aluno estagiário, mediante a identificação das marcas enunciativo discursivas presentes em seus relatórios, baseando-se na teoria dialógica da linguagem de Bakhtin e seu círculo.

Na mesma linha teórico-metodológica do presente trabalho, Lousada (2013), ao discutir sobre a questão dos textos que são utilizados na formação inicial de professores, focaliza seus estudos no relatório de estágio supervisionado. Os procedimentos de análise de dados adotados pela autora são propostos pelo ISD, quadro teórico e metodológico que defende a importância dos textos (orais ou escritos) como produto empírico de análise e interpretação do agir humano. A autora analisa diferentes componentes linguísticos da organização interna dos textos para identificar configurações linguísticas e discursivas correspondentes a formas de interpretação do agir qualificadas como *figuras de ação*.

Como postula Bronckart (2017), as *figuras de ação* funcionam como macrorrecortes interpretativos, ou seja, macrossignos que constituem indícios das representações do agir e, sobretudo, das condições de interpretação desse agir. Bueno (2009), por sua vez, também com o mesmo aporte teórico-metodológico, detecta as representações do trabalho do professor em textos produzidos na formação inicial do professor de língua portuguesa, pertencentes ao gênero projeto de intervenção. De maneira mais específica, a autora busca compreender como se realizam as relações entre linguagem e trabalho, materializadas nesse gênero de texto, assim como no documento que orienta sua produção.

No meio acadêmico, a prática de produção de relatórios é evidenciada tanto na formação inicial de professores, em cursos de graduação, como citam Lousada (2013, p.133) e Leurquim (2013, p.281), quanto em cursos de pós-graduação, ou ainda em pesquisas de iniciação científica. Apesar dos estudos apontados, verificamos uma ausência de pesquisas sobre relatórios técnico-científicos, mais solicitados em áreas acadêmicas.

## 2 Os relatórios enquanto escrita profissional sobre um agir técnico: um objeto a ensinar

No meio profissional, um grande número de ações de linguagem são mediadas por instrumentos psicológicos, ou seja, instrumentos semióticos por serem constituídos por unidades semióticas que medeiam, constituem, regulam, e possibilitam controlar os processos psíquicos (VIGOTSKY *apud* FRIEDRICH, 2012). Como afirma Bronckart (2017, p.37), os gêneros de texto (tais como os relatórios técnico-científicos), “são quadros organizadores da verdadeira vida dos signos”. Nessa perspectiva e em consonância com os postulados de Bakhtin e Volochinov (1929[1981]), em seu programa metodológico que orienta a maior parte das correntes das ciências do texto, Bronckart (1999) postula que a interpretação dos textos concretos exige que se coloquem em relação às formas linguísticas observáveis com os elementos do contexto.

Nessa perspectiva, interessa a nós, autores, compreender e interpretar o papel da linguagem na reconfiguração do agir humano *nas e sobre* as situações de trabalho, em que administradores de empresas, secretárias, engenheiros civis, engenheiros elétricos, vendedores, e outros profissionais cujas ações se realizam em diferentes contextos de trabalho público, ou privado, têm como tarefa produzir um texto que relate e descreva o trabalho que foi realizado. Como exemplo de ação linguageira empresarial, podemos citar uma empresa de *software* que foi contratada por um hotel para criar uma ferramenta digital de auxílio no cadastramento de hóspedes, de sua frequência e de algumas ações realizadas por eles no hotel (OLIVEIRA; MOTTA, 2007). Essa empresa de *software*, após a criação de seu produto, poderá redigir um documento que se enquadraria no gênero relatório técnico, com o objetivo de registrar as especificações técnicas e funcionais da ferramenta que pretende vender ao seu cliente, no caso, o hotel que a contratou. Nesse documento, seus agentes produtores deverão descrever o objeto de venda, bem como suas funções de uso. Além disso, deverão ressaltar as qualidades do produto para a melhoria dos serviços da empresa contratante.

Compreendendo que diferentes esferas de atividade profissional são mediadas por instrumentos semióticos concebidos funcionalmente como relatórios, as instituições escolares – especialmente aquelas que ofertam cursos profissionais – incluem em seu currículo a produção desse gênero. Diante dessa demanda de aprendizagem, alguns livros didáticos também têm proposto atividades sobre o relatório, a exemplo de Abaurre *et al.* (2008) que, no volume 3, apresenta, em um de seus capítulos sobre produção textual, as características relacionadas ao contexto de produção, à estrutura e à linguagem desse instrumento semiótico. Assim, estamos diante de um constructo sócio-histórico que precisa ser transposto para os objetos a ensinar. O relatório técnico pode, então, ser considerado “como um instrumento psicológico” no sentido vygotskiano do termo, ou seja, no sentido em que o termo instrumento foi reinterpretado por Rabardel (*apud* SCHNEUWLY, 2004, p.24). E é esse pressuposto que alicerça a tese de cunho didático de que os gêneros de texto devem ser o centro do processo de ensino de produção e compreensão. Algumas pesquisas apontam estudos nessa direção.

Gregório (2006) elaborou um projeto utilizando o relatório como instrumento mediador e tal escolha foi feita porque considera esse gênero de grande circulação social. A autora diz que tal projeto visou desenvolver especialmente a *competência de relatar*, mas também permitiu que o aluno reconhecesse as características do gênero de forma a produzir um texto de *circulação real*. Ela registrou a experiência de trabalho com o gênero relatório como um instrumento mediador, em aulas de língua portuguesa no Ensino Superior, com o objetivo de promover o desenvolvimento de capacidades relativas ao gênero discursivo relatório para a produção escrita dele.

Valezi (2014) organizou uma sequência didática tomando o gênero relatório como ferramenta mediadora no ensino de Língua Portuguesa, em uma turma do Curso Superior em Sistemas para Internet. Com esse trabalho concluiu que o gênero relatório é uma “ferramenta adequada para o ensino de línguas [...], pois promoveu tanto o desenvolvimento de capacidades docentes de ambos os agentes envolvidos no processo [...], quanto o desenvolvimento de capacidades de linguagem dos alunos”. A

autora ressalta que o ensino desse gênero pode ser reimplantado – fazendo as devidas adaptações ao contexto – em outros cursos de formação profissional (VALEZI, 2014, p.334).

Ainda segundo Valezi (2014), o relatório técnico comumente é tomado como um instrumento mediador das aulas de disciplinas da área de linguagens em cursos técnicos subseqüentes e em cursos superiores de tecnologia, na instituição lócus de sua pesquisa, porque as disciplinas das áreas técnicas e tecnológicas utilizam esse gênero em suas mediações formativas. É muito comum os professores, especialmente aqueles responsáveis por disciplinas da área da construção civil e da eletroeletrônica, utilizarem o relatório técnico como instrumento de registro e de avaliação das aulas práticas desenvolvidas em campo ou em laboratórios. Segundo esses profissionais, é uma forma de transpor para a sala de aula as práticas de referência do mundo do trabalho em que atuam.

Assim, os cursos técnicos e tecnológicos propõem novas práticas discursivas a fim de atender às práticas sociais emergentes no mundo do trabalho. Se, até bem pouco tempo atrás, ler e escrever eram competências de intelectuais, hoje, com as novas exigências de um mercado de trabalho que não cessa de se renovar e demandar um processo de qualificação permanente, cada vez mais as habilidades de leitura, interpretação e produção de textos são exigidas também dos técnicos. Essa mudança no mercado de trabalho, em relação às capacidades exigidas por um profissional técnico, pode ser verificada pelo depoimento de um professor que revela mudanças nas práticas sociais e discursivas dos técnicos, a partir da década de 90, quando teve início a produção de *pequenos documentos*.

(...) Até a década de 70 se ele fosse analfabeto não faria diferença. (...) De qualquer jeito, trabalharia na área técnica. Ele precisaria ser, realmente, fazer as coisinhas que ele tinha que fazer lá. Na década de 90, o pessoal começou a produzir pequenos documentos, quase informais e aí a linguagem coloquial rolava e não tinha nenhum problema, as pessoas se entendiam. Mas da década de 90 pra cá o formalismo vem cada vez mais tomando conta das obras. E eu falo



de obras porque a minha experiência é com obras, mas é caso geral, área técnica... (...) isso vai além do jargão técnico propriamente dito, porque existe toda uma estrutura linguística que você precisa dar suporte, as pessoas começaram a descobrir que: “Ah, eu escrevi assim, mas o fulano entendeu assado” (Entrevista, Professor-Engenheiro, 06/12/2004, VALEZI, 2005).

Diante dessa demanda de formação para as práticas discursivas do mundo do trabalho, delinaremos, a seguir, as características desse gênero, conforme são apresentadas nos documentos prescritivos e nos manuais de metodologia, levantadas por Valezi (2014) e outros autores.

### **3 A concepção de relatório técnico-científico construída pela literatura filiada à metodologia científica e configurada nas prescrições**

Valezi (2008) fez uma revisão da literatura filiada à metodologia científica para descrever o gênero relatório técnico. Com base em algumas constatações da autora e também em pesquisas atualizadas, sintetizamos informações sobre o gênero relatório técnico-científico conforme a concepção dessa área científica, contendo as seguintes informações: nome dado ao gênero, o conceito a ele atribuído, suas características composicionais ou da infraestrutura textual e as características linguísticas.

Faremos brevemente uma síntese do que dizem os autores de *manuais de metodologia*, em relação a como deve ser feito um relatório técnico-científico.

Furasté (2006) define o relatório técnico-científico como um documento que registra formalmente os resultados ou progressos obtidos em investigação de pesquisa e desenvolvimento, ou que descreve a situação de uma questão técnica ou científica. O relatório técnico-científico organiza, de forma sistemática, informações dirigidas a um leitor qualificado, traça conclusões e recomendações. É estabelecido em função e sob a responsabilidade de um organismo ou pessoa a quem está submetido (NBR 10719/1989). Como a obra desse autor faz uma releitura das normas da ABNT para a produção acadêmica, ele identifica as

características composicionais do relatório como sendo as mesmas dadas pela NBR 10719, que regulamenta a produção desse gênero.

Assim, Furasté (2006) propõe que a arquitetura básica do relatório seja organizada da seguinte maneira: 1. Elementos do pré-texto que envolvem capa, folha de rosto, resumo e sumário; 2. Elementos do texto que incluem introdução, desenvolvimento e conclusão; 3. Elementos do pós-texto que basicamente é composto, obrigatoriamente, pelas referências bibliográficas. Essa estrutura, delimitada pela norma científica, pode ser também evidenciada no item 3.2 a seguir. Em relação às características linguísticas, Furasté (2006) especifica apenas aquelas consideradas genéricas, como objetividade e clareza.

Outros autores como Medeiros (2000) e Marconi e Lakatos (2006) descrevem o gênero *relatório de pesquisa* que, apesar de usarem nomenclatura distinta, apresenta os mesmos objetivos de um relatório técnico-científico, assim como a mesma organização arquitetônica. Medeiros define a função sociocomunicativa desse gênero como uma descrição objetiva dos fatos que ocorreram na pesquisa, análise de dados, conclusões e decisões. Já Marconi e Lakatos (2006) prescrevem-no como um registro de resultados de uma pesquisa após coleta de dados, codificação, tabulação, tratamento estatístico, análise e interpretação. Esses pesquisadores consideram que o relatório deve apresentar: capa, página de rosto, sinopse (*abstract*), sumário, introdução (justificativa, objeto e objetivo), revisão bibliográfica (trabalhos citados tanto no projeto inicial quanto identificados no decorrer da pesquisa), metodologia, embasamento teórico (repetição dos trabalhos apresentados no projeto), apresentação dos dados e sua análise, interpretação dos resultados, conclusões, recomendações, sugestões, apêndices, anexos e bibliografia. As características linguísticas apresentadas pelos autores referem-se àquelas que comumente são atribuídas aos textos científicos como: objetividade, clareza, precisão; linguagem técnica em seus aspectos estritos e rigorosos; rigor linguístico; fazer-se compreender.

Oliveira e Motta (2007) tratam de quatro tipos de relatórios: informativo, de pesquisa, de especificações técnicas e de gestão. O

primeiro é concebido como "textos cuja função é proporcionar o necessário suporte para que pessoas ou grupos, com necessidades específicas, possam valer-se das informações neles contidas para implementar ou não determinadas ações" (p.101). O segundo é definido como um texto predominantemente descritivo, cuja função é registrar o "estágio em que se encontra uma determinada pesquisa em dado momento" (p.109). O terceiro compreende um tipo de produção em que se discute "a forma de construção e discriminam-se os materiais, as funções, as medidas, o *modus operandi* e o potencial de uso relativos a determinado produto" (p.112). E o quarto tipo de relatório é considerado um "documento complexo", pois abrange "entrevistas, coleta minuciosa de informações, extenso trabalho de pesquisa bibliográfica e levantamento de dados em órgãos governamentais e organismos internacionais", sendo ele organizado por uma "vasta produção textual", com "quadros estatísticos, gráficos, tabelas e numerosos anexos" (p.114).

Esses autores descrevem apenas a organização arquitetônica dos relatórios de pesquisa e dos relatórios de gestão. Segundo eles, os elementos que compõem o primeiro tipo são: sumário, resumo, introdução, hipóteses, execução, resultados, avaliação, conclusão, recomendações, anexos, índices e referências bibliográficas. Já os elementos do segundo tipo são diferenciados conforme a esfera privada e pública. Os relatórios de gestão de empresa privada compõem-se de identificação da empresa, apresentação, mercado, empresa, conclusão. Os relatórios de empresa pública são organizados com: folha de rosto, apresentação, identificação da unidade, caracterização da unidade, plano de trabalho, conclusão e recomendações.

Garcia (2006, p.401) considera relatório como "um dos tipos mais comuns de redação técnica, dada a variedade de feições que assume". Para esse autor, o relatório circula em diferentes práticas discursivas: revistas científicas, empresas privadas e públicas, em sindicâncias e inquéritos. Esses documentos podem ser técnicos ou administrados e apresentam os seguintes elementos composicionais: descrição do objeto (mecanismo ou processo), narrativa minuciosa dos fatos ou ocorrências, explanação didática, sumário e muitas vezes uma argumentação ou ainda

diagramas, mapas, gráficos, desenhos. Devem também conter uma abertura e um fecho.

Para Gold (2010), os relatórios ou monografias podem ser organizados segundo quatro tipos arquitetônicos: 1. introdução, apresentação dos itens observados, comentários e conclusão; 2. introdução, relato cronológico dos acontecimentos, apresentação dos itens observados, análise de causas, proposta de soluções, conclusão; 3. cenário, enumeração de fatos, relações de consequência, comentários, conclusão; 4. cenário, aspectos positivos, aspectos negativos, considerações gerais, conclusão. Para descrever as características linguísticas desse gênero e dos demais gêneros empresariais, a autora organiza capítulos intitulados de objetividade, concisão, clareza, coerência e unidade.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) pode ser considerada como uma das representantes do *grupo de especialistas* sobre o gênero relatório, pois é uma entidade privada que organiza normas de produção de bens e serviços, incluindo textos da esfera acadêmica e profissional. Sendo assim, recorrer a ela neste artigo é uma forma de estabelecer um diálogo com o que está posto especialmente pelas prescrições que circulam no meio acadêmico e profissional.

Em relação ao relatório, a NBR 10719 (2015, p.1) tem o objetivo de apresentar "os princípios gerais para a elaboração e a apresentação de relatório técnico e/ou científico" e atualizar as prescrições dadas pelas versões de 1989 e 2011. No item 3.24 (p.3), está definido que o relatório é um "documento que descreve formalmente o progresso ou o resultado de pesquisa científica e/ou técnica). Nessa última versão da norma, a estrutura do relatório está estabelecida conforme o quadro 1 a seguir:

**Quadro 1:** Estrutura do Relatório Técnico-Científico, conforme NBR 10719/2015

Parte externa	Capa (opcional)	
	Lombada (opcional)	
Parte interna	Elementos pré-textuais	Folha de rosto (obrigatório) Errata (opcional) Resumo na língua vernácula (obrigatório) Lista de ilustrações (opcional) Lista de tabelas (opcional) Lista de abreviaturas e siglas (opcional) Lista de símbolos (opcional) Sumário (obrigatório)
	Elementos textuais	Introdução (obrigatório) Desenvolvimento (obrigatório) Considerações Finais (obrigatório)
	Elementos pós-textuais	Referências (obrigatório) Glossário (opcional) Apêndice (opcional) Anexo (opcional) Índice (opcional) Formulário de identificação (opcional)

Todos os itens apresentados no quadro supracitado são caracterizados em sequências descritivas apresentadas em subitens ao longo da norma científica, a exemplo do item 3.13 (NBR 10719, 2015, p.2), definindo que elemento textual é a "parte em que é exposto o conteúdo do documento". São incluídas, ainda, na sequência dos subitens da norma, as regras gerais de apresentação, como: formato, paginação, numeração progressiva, títulos sem indicativo numérico, citações e notas de rodapé, siglas, equações e fórmulas, ilustrações, tabelas. Finalizando, é apresentado um anexo com a sugestão de um formulário de identificação do relatório.

Essa orientação dada pela norma apenas indica um plano organizacional dos conteúdos que devem ser apresentados no relatório.

No entanto, não são apresentadas, por esse instrumento prescritivo, orientações relacionadas às características linguísticas para que o agente produtor desse gênero desenvolva os conteúdos de forma a apresentá-los coerentemente ao que se espera desse gênero. Mesmo que sejam dadas algumas prescrições quanto à linguagem do gênero na literatura que orienta a produção científica, como *objetividade*, *precisão*, *clareza* e *coerência*, elas não são suficientes, pois quais escolhas linguísticas devem ser levadas em consideração para que um texto apresente tais características?

Vemos então que todos os autores aqui mencionados, assim como a própria ABNT, salientam a estrutura organizacional do texto, ou a função a que ele se destina, no entanto não há um trabalho, nos manuais científicos, de escrita efetiva do gênero em questão. Na proposta que adotamos, esse trabalho é fundamental para o desenvolvimento das capacidades linguageiras que os estudantes necessitam para a elaboração seja de um relatório, seja de qualquer outro gênero. Sendo assim, pretendemos, nas seções que seguem, apresentar as características do gênero, tendo em vista sua interpretação para a detecção das representações em uma abordagem descendente-ascendente que parte do contexto para a organização interna do texto e suas unidades textuais (e vice-versa).

#### **4 Uma análise do gênero relatório técnico-científico na abordagem do ISD**

Os recursos e estratégias apontados pela Engenharia Didática (BRONCKART, 1999; SCHNEUWLY; DOLZ, 2004) para promover o foco do trabalho a partir do texto, na sua multiplicidade de gêneros orais e escritos, em diferentes suportes e usos, constituem os fundamentos da proposta do Grupo de Genebra, a qual tem, como foco, a transposição didática e as ferramentas de ensino, tais como os modelos didáticos de gêneros e sequências de atividades didáticas (NASCIMENTO, 2016).

Segundo a proposta de ensino de línguas da Escola de Genebra, para ensinar um gênero visando ao desenvolvimento das capacidades de linguagem, partimos de um modelo didático que é construído com base em *experts* que já estudaram o gênero em questão, de exemplares autênticos que circulam nas práticas sociais e de prescrições que ditam como esse gênero deve ser ensinado.

No processo de análise de um gênero a ser transposto para a mediação do agir do professor e do aluno, destacamos a construção do modelo didático que objetiva identificar os aspectos recorrentes do gênero, com vistas à construção de uma sequência didática. Nessa etapa do trabalho do professor, identificam-se os elementos constitutivos da arquitetura textual, como o plano textual global, os tipos de discurso e de sequência, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos, tal como proposto pelo quadro de análise textual do ISD.

A modelização didática caracteriza-se por procedimentos analíticos e comparativos entre textos com o objetivo de identificar as características comuns definidoras do gênero. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de caráter descritivo que envolve basicamente três etapas (CRISTÓVÃO e NASCIMENTO, 2004): (i). síntese do contexto de ensino e das capacidades de linguagem dominadas pelos alunos; (ii). síntese da literatura dos *experts* e especialistas do gênero; (iii) análise do corpus de textos do gênero para a construção do modelo didático correspondente.

Além dessas etapas, é necessário conhecer a relevância do gênero para a formação específica do aluno, a fim de atender ao perfil do curso ou nível de ensino, especialmente em se tratando de cursos que objetivam a formação profissional. Ao introduzir um gênero em sala de aula, é preciso saber se ele é realmente significativo para as práticas sociais em que o aluno está inserido ou que atuará no seu futuro profissional e social.

As características do relatório técnico-científico apresentadas a seguir foram obtidas a partir de um modelo didático do gênero feito com base em um conjunto de textos prototípicos do gênero, conforme sua circulação histórico-social em três esferas da atividade humana: (i) a institucional, dada por uma norma científica, a NBR 10719, e as

orientações da metodologia científica; (ii) a área da construção civil, com modelos de textos de alunos e de professores; (iii) e a área de informática, com modelos de texto de interações comerciais/empresariais e acadêmicas (VALEZI, 2014). Os subtópicos que seguem organizam as características do gênero conforme a divisão dada por Bronckart (1999): condições de produção, plano global do texto, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos<sup>2</sup>.

#### 4.1 Condições de produção do gênero relatório técnico-científico

As condições de produção referem-se ao nível macroestrutural do texto, o que envolve as capacidades de ação. Nesse processo, são mobilizadas representações do mundo físico (local de produção, momento da produção, agente-produtor enquanto pessoa física, receptor) e sociossubjetivo (lugar social – modo de interação do texto –; papel social do agente–produtor, posição social do receptor – papel social atribuído ao destinatário - e objetivo – o efeito que se produzirá no destinatário. Segundo Bronckart (1999, p.93), equivale ao "conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado". Nas atividades de análise dos textos, é possível estabelecer uma relação de interdependência entre os parâmetros do mundo físico e do mundo sociossubjetivo. Fazemos, dessa forma, uma análise do lugar socio-histórico em que o texto está inserido para construir os efeitos de sentidos e estabelecer as relações entre possibilidades do dizer e o gênero adequado para tal. O quadro a seguir traz os dados identificados como parâmetros das condições de produção dos textos analisados no *corpus* e podem ser considerados comuns ao gênero relatório técnico-científico. Ressaltamos, no entanto, que cada texto é um produto singular semiotizado por condições de produção também singulares. Sendo assim, os parâmetros referentes a essa macroestrutura textual podem ser identificados no processo de análise de cada texto em particular.

---

<sup>2</sup> Sobre o modelo de análise textual, vide BRONCKART (1999).



**Quadro 2:** Parâmetros do Contexto Sociossubjetivo do gênero Relatório Técnico

<i>Parâmetros</i>	<i>Dados identificados do contexto sociossubjetivo do corpus</i>
<i>Lugar social</i>	Empresas privadas corporativas ou individuais; instituição acadêmica pública de formação profissional de nível médio e superior.
<i>Momento de Produção</i>	Encerramento de atividades laboratoriais ou profissionais e/ou de visitas técnicas e/ou de campo.
<i>Emissor</i>	Engenheiro/tecnólogo contratado para a atividade profissional; empregado ou prestador de serviços; entidade privada/pública representada por um único indivíduo ou por um coletivo de trabalho; estudante de curso superior tecnológico.
<i>Receptor</i>	Empresa contratante da atividade profissional; empregador ou chefe/diretor de uma empresa; professor/orientador da área de formação técnica de uma instituição escolar de nível superior.
<i>Suporte de circulação</i>	Comumente apresentado em folha A4, na forma impressa ou digital, produzido com ferramentas de editoração de textos. Sua circulação pode ser restrita ao coletivo de trabalho de dois <u>actantes</u> ou se tornar uma publicação <u>coletiva</u> de acesso a <u>coletivos</u> mais amplos de <u>actantes</u> .
<i>Objetivo</i>	Registrar ou relatar, de forma sistemática e objetiva, os resultados obtidos com a realização de uma dada tarefa profissional ou acadêmica, a fim de finalizar uma contratação, persuadir o interlocutor para a compra de seu serviço ou produto, ou ainda registrar o desenvolvimento de suas capacidades de aquisição de habilidades técnicas e científicas.

(VALEZI, 2014, com adaptações)

#### 4.2 A infraestrutura geral do gênero relatório técnico-científico

A infraestrutura geral, segundo Bronckart (1999), refere-se à arquitetura interna dos textos e é constituída pelo plano geral, os tipos de discurso, a articulação entre os tipos de discurso e as sequências linguísticas. Em se tratando do plano geral, definido como organização do conjunto temático, os relatórios analisados por Valezi (2014) podem ser divididos em 2 grupos de textos, conforme suas esferas de interação:

construção civil e informática. Essa categorização é necessária para o estabelecimento das diferenças quanto às partes ou aos itens que organizam o conteúdo temático. Segundo a autora, os relatórios da área da construção civil são similares ao modelo prescrito pela NBR 10719 (2015) e os da área da informática não seguem ao que está prescrito na norma, mesmo assim, constatamos que o conteúdo registrado atendeu à funcionalidade esperada para o gênero em questão.

Ainda sobre o plano geral do relatório técnico-científico, como uma das partes constitutivas dos textos que se enquadram nesse gênero, descrevemos inicialmente a capa. Identificada nos relatórios de ambas as esferas, ela é um espaço reservado para informações referentes aos parâmetros físicos do texto, tais como: i. emissor: nome da empresa, ou prestador de serviço, ou aluno; ii. receptor: nome da empresa destinatária do serviço ou do professor-orientador; iii. lugar e momento de produção: cidade e estado da empresa contratada/nome da instituição escolar e subdivisões departamentais, data de realização da atividade (dia, mês e ano); iv. título em destaque – referência resumida ao tipo de atividade realizada e, em alguns casos, insere-se a referência ao gênero *relatório (técnico)*.

Nos textos analisados pela área da construção civil, identificamos que eles seguem, em sua maioria, as prescrições dadas pela NBR 10719 quanto à distribuição do conteúdo, com pequenas alterações terminológicas relativas aos tópicos ou eliminação de algum deles. As partes são distribuídas em páginas separadas ou em uma sequência linear, conforme extensão do conteúdo.

O quadro 3 organiza os itens que constituem o plano geral do relatório técnico-científico da área da construção civil, conforme foi identificado nos modelos analisados.

**Quadro 3:** Plano Geral do Relatório Técnico-Científico da Área da Construção Civil

<b>Itens posicionais</b>	<b>Definição</b>
Resumo	visão geral do conteúdo (opcional)
Sumário	apresentação dos tópicos e subtópicos e paginação
Introdução	apresentação geral do conteúdo, justificativa e objetivos
Revisão bibliográfica	diálogo teórico com a literatura relacionada à atividade prática apresentada no relatório (item opcional, de acordo com a extensão do relatório ou da atividade prática)
Materiais e métodos	apresentação dos materiais e respectivas descrições; registro dos procedimentos metodológicos ou relato do processo de realização da atividade laboral. Nesse item, é possível encontrar também a exposição de uma norma científica que regulamenta a atividade laboratorial
Resultados e discussões	organização de informações resultantes da atividade laboral, incluindo possíveis variações no resultado, e sugestões para a resolução de problemas que poderão ser averiguados em novos experimentos. Resultados podem ser apresentados em imagens (figuras, fotos) que registram os passos da atividade ou os problemas identificados. Tabelas, fórmulas e quadros também podem ser incluídos para registrar dados numéricos referentes às análises realizadas
Conclusões	item composto de dados que finalizam a atividade prática, conforme o objetivo registrado na introdução. Inserem-se também comentários pertinentes sobre o trabalho efetivamente realizado.
Bibliografia	listagem da literatura pesquisada e referenciada no relatório. geralmente apenas as citadas no texto.
Anexos	informações complementares para melhor compreensão do relatório (tabelas e gráficos mais complexos, fotos e imagens da atividade realizada)

(VALEZI, 2014, com adaptações)

Já nos textos do modelo do gênero relatório da área da informática, identificamos que as prescrições dadas pela NBR 10719 não são seguidas em sua totalidade. Basicamente a planificação é organizada conforme está estabelecido no quadro 4.

**Quadro 4:** Plano Geral do Relatório Técnico-Científico da Área da Informática

<b>Itens composicionais</b>	<b>Definição</b>
Sumário	apresentação dos tópicos e suas respectivas páginas
Introdução	descrição do público-alvo, do produto apresentado; listagem de fontes de pesquisa para a elaboração do documento e de definições do léxico (termos, abreviações, acrônimos).
Descrição geral do produto	subdividida em: descrição do contexto e da origem do produto; funções do produto; classes de usuários e características, requisitos funcionais, requisitos não-funcionais, listagem de não-funções do produto descrito.
Aprovação	item em que é apresentada a data e a(s) assinatura(s) do cliente e da equipe de desenvolvimento do <i>software</i> .
Elementos não verbais	Podem ser apresentadas listas, tabelas, gráficos, figuras,

(VALEZI, 2014, com adaptações)

Sobre os tipos de discurso, Bronckart (1999) considera como segmentos contáveis e definidos por suas características linguísticas específicas, construídas com recursos de uma língua natural, que são finitos ou limitados, O autor identifica quatro tipos de discurso: relato interativo e narração que mobilizam representações do mundo do *narrar*; e discurso interativo e discurso teórico que mobilizam representações do mundo do *expor*<sup>3</sup>. Valezi (2014), em suas análises dos textos prototípicos, constatou que há predominância do discurso teórico, visto que os parâmetros estruturais e funcionais do gênero relatório aproximam-se dos do gênero *monografia científica*. Sendo assim, predominam as formas verbais na 3ª pessoa, com raras exceções de dêiticos em 1ª pessoa do plural. Essas unidades linguísticas funcionam como uma tentativa de distanciar o agente-produtor e estabelecer uma relação autônoma com a enunciação. Também é uma estratégia discursiva para não revelar o mundo subjetivo da voz do enunciador.

Esse distanciamento entre agente-produtor e leitor e a necessidade de centrar a atenção no objeto do discurso também são revelados pelos

---

<sup>3</sup> Para melhor definição de tipos de discurso, ver Bronckart (1999, p.137-216).

enunciados comumente construídos na voz passiva e na ordem direta (Sujeito+Predicado+Complementos). A atemporalidade no discurso é identificada nos verbos no presente em algumas sequências linguísticas, como a exposição da literatura da área ou de prescrições das normas científicas da atividade técnica. No entanto, há vários casos de uso do pretérito, quando o objetivo é marcar ações realizadas em sequências narrativas (no relato).

Em se tratando das sequências linguísticas, Adam (2008, p.204) considera-as como "uma rede relacional hierárquica" que apresenta uma organização interna que lhe é própria, com uma "relação de dependência-independência com o conjunto mais vasto do qual faz parte (o texto)". Adam (2009) classifica-as como: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, dialogal. Nos textos analisados por Valezi (2014) foram identificadas as cinco sequências linguísticas citadas por esse autor, mas as que predominaram foram a explicativa e a descritiva.

Valezi (2014, p.238) definiu que função foram identificadas nas sequências linguísticas registradas nos relatórios analisados em sua pesquisa: i. *sequência explicativa*: "prover a atividade prática com teorias, outros experimentos ou prescrições técnicas para comprovar a funcionalidade, e/ou produtividade, e/ou requisitos, e/ou os valores do produto-objeto"; ii. *sequência descritiva de objeto*: "construir a imagem do objeto, de forma a delinear as suas características físicas e funcionais"; iii. *sequências descritivas de ação*: "instruir o leitor por meio da prescrição de regras para os procedimentos da atividade laboratorial"; iv. *sequências narrativas*: "registrar os acontecimentos da atividade prática em sua relação com o mundo ordinário do tempo e do espaço"; v. *sequências argumentativas*: "persuadir o cliente de forma que ele aceite as soluções e/ou recomendações para resolver o problema detectado ou usufrua do produto apresentado" (p.238).

### 4.3 Os mecanismos de textualização do gênero relatório técnico-científico

Segundo Bronckart (1999, p.122), os mecanismos de textualização são considerados como um nível intermediário responsável pela criação de “séries isotópicas que contribuem para o estabelecimento da coerência temática”. Esses mecanismos são subdivididos em 3 subgrupos, a saber: conexão ou organizadores textuais, coesão verbal e coesão nominal. Quanto à conexão, Bronckart (1999) considera que sua função seja a de estabelecer grandes articulações da progressão temática, ou seja, das relações entre estruturas. Esse mecanismo linguístico é marcado por organizadores textuais responsáveis pelas transições entre os tipos de discurso constitutivos de um texto, entre fases de uma sequência, e pela planificação ou articulações entre frases.

Essa articulação do conteúdo nos relatórios analisados é feita por meio de tópicos e subtópicos divididos de forma numérica, conforme orientações da NBR 6024 (2012), que estabelece a numeração progressiva das seções de um documento. Há o emprego de conectores interfrásticos comuns à norma padrão da língua, como os de balizamento, ligação, encaixamento, empacotamento, bem como conjunções coordenativas e subordinativas, advérbios e locuções adverbiais. Entretanto, sendo comum os textos apresentarem períodos e parágrafos curtos, que revelam a objetividade do agente-produtor, não há um número considerável de mecanismos de conexão, pois essa característica é estabelecida mais pelas relações semânticas implícitas do que pelas marcadas linguísticas.

A coesão verbal, conforme concebe Bronckart (1999), tem a função de estabelecer retomadas de séries de predicados ou séries de sintagmas verbais. Nos relatórios analisados por Valezi (2014) há predomínio do discurso teórico, com presença significativa de formas verbais no tempo presente de valor gnômico, atemporal, nas representações do conteúdo referentes a teorias, conceitos, elucidicações, normatizações, e em sequências descritivas do objeto. Foram identificadas ainda: i. *formas verbais no pretérito perfeito* para indicar o processo evolutivo em localização retroativa nas sequências narrativas (relato); ii. *formas verbais*

*no infinitivo*, em conjunto com formas verbais no presente, em sequências descritivas de ação; iii. *formas verbais no presente*, conjugadas a formas verbais no futuro, em sequências argumentativas.

Sobre a coesão nominal, Bronckart (1999) considera ser ela constituída por mecanismos que introduzem informações e estabelecem sua retomada na sequência do texto. Valezi (2014) destaca que os relatórios analisados apresentam séries coesivas comumente construídas pela reiteração do léxico, por meio das anáforas nominais idênticas – especialmente devido à necessidade de exatidão de sentidos na linguagem empregada –, presença de anáforas pronominais, especialmente representada por pronomes demonstrativos, mas também há presença de anáforas identificadas em pronomes pessoais e relativos.

#### **4.4 Os mecanismos enunciativos do gênero relatório**

Bronckart (1999, p.319) define *mecanismos enunciativos* como aqueles que “contribuem para o estabelecimento da coerência pragmática do texto, explicitando, de um lado, as diversas avaliações (...) que podem ser formuladas a respeito de um ou outro aspecto do conteúdo temático” ou “as próprias fontes dessas avaliações (...)”. O autor subdivide esses mecanismos em três categorias: i. posicionamento enunciativo; ii. vozes enunciativas; iii. modalização. Sobre a primeira categorização, o agente-produtor dos relatórios analisados, como textualizador, posiciona-se de forma impessoal distanciada do objeto de discurso e, para isso, há emprego predominante da dêixis de 3ª pessoa, mas também há ocorrências de dêixis de 1ª pessoa do plural, como já identificado no item 4.2, quando foram apresentadas análises sobre os tipos de discurso.

Sobre a 2a. categorização, os relatórios analisados revelam que há presença de vozes de instâncias coletivas científicas que atribuem legitimidade ao conteúdo. Há, ainda, alto grau de presença de vozes de instituições sociais de normatizações científicas e técnicas e também há a voz do autor empírico, de forma a intervir no conteúdo para sugerir ações em torno do que é enunciado, corroborada por vozes de instituições

normativas. E, finalmente, a 3a. categorização, foram identificadas no texto a presença significativa de modalizações lógicas que intentam estabelecer julgamentos sobre os procedimentos do mundo objetivo relacionados ao objeto de análise, especialmente com valor de obrigatoriedade. Há também a presença de modalizações deonticas que mobilizam julgamentos sobre o objeto de análise, indicando, ordens, sugestões e recomendações de acordo com normas preestabelecidas pelo mundo social por instituições reconhecidas legal ou cientificamente e há baixa incidência de modalizações apreciativas e pragmáticas.

#### **4.5 Os elementos ensináveis do relatório**

Diante do extenso levantamento das características que revelam a macroestrutura e a microestrutura do gênero relatório, surge a questão: o que fazer com todas essas informações no trabalho em sala de aula com a língua portuguesa? Conforme orientam as pesquisas educacionais do ISD, o objeto real no ensino de línguas são as operações languageiras, responsáveis pelo desenvolvimento das capacidades para o agir.

A noção de capacidades de linguagem (...) evoca as aptidões requeridas do aprendiz para a produção de um gênero numa situação de interação determinada: adaptar-se às características do contexto e do referente (capacidades de ação); mobilizar modelos discursivos (capacidades discursivas); dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas (capacidades linguístico-discursivas) (DOLZ, PASQUIER e BRONCKART, 1993 *apud* DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p.52).

A noção triádica das capacidades de linguagem (de ação, discursivas e linguístico-discursivas) auxilia na organização dos elementos ensináveis sobre um dado gênero, os quais comporão oficinas a serem desenvolvidas em uma sequência didática organizada para o desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos. No nosso caso, optamos por tomar, como ponto de partida, a leitura de um texto prototípico que materializa uma ação de linguagem que se pretende desenvolver para sua internalização e, com base nesse texto, foram sugeridas as etapas abaixo para trabalhar o gênero



relatório técnico-científico. O quadro a seguir, baseado em Valezi (2014), distribui os elementos ensináveis desse gênero, conforme as capacidades de linguagem a serem desenvolvidas.

**Quadro 5:** Elementos Ensináveis do Gênero Relatório Técnico-Científico

<i>Capacidades</i>	<i>Elementos Ensináveis</i>
Acionais	<p>– A análise dos elementos constitutivos da identificação (capa/contracapa) possibilitam a identificação do(a):</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Contexto físico e socio-histórico: tempo e espaço discursivo (data, local de produção e de circulação, suporte);</li> <li>2. Agente-produtor e destinatário e seus papéis sociais no contexto socio-histórico;</li> <li>3. Função sociocomunicativa e objetivo do texto.</li> </ol>
Discursivas	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Análise do plano geral do texto: elementos composicionais que constroem a representação visual do relatório, ou seja, quais são as estruturas globais predominantes;</li> <li>2. Análise da NBR 10719 para identificar as prescrições quanto à estrutura do relatório;</li> <li>3. Análise da forma de organização do conteúdo, relacionando-a com as prescrições da NBR 6024;</li> <li>4. Análise da organização multimodal do texto: linguagem verbal, uso de gráficos, tabelas, desenhos, figuras, fotos, etc.;</li> <li>5. Identificação dos mecanismos linguísticos que revelam o tipo de discurso predominante: dêixis de pessoa, tempo e espaço; tempo verbal; densidade sintagmática (emprego de substantivos e adjetivos).</li> <li>6. Identificação dos tipos de sequências predominantes no relatório por meio da análise das características funcionais e linguísticas constitutivas e do espaço ocupado por cada uma das sequências nas partes principais do relatório;</li> <li>7. Estabelecimento da relação intrínseca entre sequência, gênero e função sociocomunicativa.</li> </ol>
Linguístico-discursivas	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Identificação da articulação interfrástica e transfrástica e suas relações semânticas – conjunções coordenativas e subordinativas essenciais; advérbios e loc. adv. e suas relações de sentido, sintagmas preposicionais e suas relações semânticas;</li> <li>2. Emprego de frases curtas e períodos curtos; ordem direta e indireta simples das orações e emprego da pontuação, em</li> </ol>

	<p>especial da vírgula que marca algumas divisões internas da frase e casos de pontos finais que marcam as relações transfrásticas;</p> <ol style="list-style-type: none"><li>3. Identificação das séries coesivas, anáforas nominais – substituição e repetição; anáforas pronominais – pronomes pessoais, demonstrativos, relativos;</li><li>4. Análise das formas do presente, pretérito perfeito e imperfeito; futuro do presente; locuções verbais;</li><li>5. Diferenciação entre voz ativa e passiva e sua função no texto.</li><li>6. Identificação dos mecanismos que estabelecem o distanciamento do agente-produtor: emprego da dêixis de 3a. pessoa, da voz passiva.</li><li>7. Identificação das vozes presentes no texto: do agente-produtor, dos especialistas citados no conteúdo temático;</li><li>8. Levantamento da escolha lexical: vocabulário objetivo, técnico e preciso.</li><li>9. O léxico da profissão na construção de sentidos dos textos técnicos;</li><li>10. A função semântica das modalizações nos textos técnicos.</li></ol>
--	---

Na abordagem da Engenharia Didática proposta pelos autores da Universidade de Genebra, ao estudar um determinado gênero, esse material se torna um instrumento didático a serviço do professor, pois serve para explicitar os conteúdos ensináveis e, ao mesmo tempo, configura-se como mediador do gesto profissional de elementarização/delimitação da transposição didática (NASCIMENTO, 2016), apontando os objetos potenciais para o ensino (DOLZ, 2016).

Os elementos ensináveis listados no quadro acima são uma proposta para orientar o professor na construção de uma sequência didática, podendo ser ela adequada a cada contexto educacional específico. O relatório técnico-científico, tomado como ponto de partida no ensino de língua portuguesa, pode ser proposto em uma sequência didática mais complexa, cujas oficinas de análise e escritura desenvolverão capacidades para o estudante tanto agir em ações linguageiras moldadas por esse gênero, como também em outras ações que demandem o

acionamento de operações de linguagem semelhantes, como é o caso de outros gêneros técnicos.

### **Considerações finais**

Este artigo apresentou uma síntese das principais características do gênero relatório técnico-científico, segundo o modelo de análise textual do ISD e objetiva auxiliar professores que trabalham com o ensino desse gênero ou que o utilizam como um trabalho de avaliação de disciplina. Essa síntese elenca características desse gênero que vão além das prescrições organizacionais dos manuais científicos, pois acreditamos que essas pouco auxiliam os estudantes na escrita de textos de qualquer gênero.

As características do gênero predominantes e descritas no artigo devem levar em consideração: os parâmetros do contexto de produção do texto para que o estudante tenha claro o objetivo, o momento da escrita do texto, o papel social que o autor assume ao escrever um texto pertencente a esse gênero, quem será seu destinatário, a imagem que quer passar de si, etc. Como evidenciado nas pelas análises feitas, o plano geral pode variar de acordo com a área e eis a importância de cada professor levar exemplos de relatórios de sua área de atuação para que o plano global possa ser comparado com os que aqui constatamos. Ainda no plano da infraestrutura textual, constatamos a predominância das formas verbais de 3ª pessoa, as quais, unidas à intenção do produtor de se distanciar de seu leitor e focar a atenção no objeto, opta pela predominância da construção de enunciados na voz passiva e na ordem direta. Os verbos predominam no presente na exposição da literatura da área e casos de pretérito surgem para marcar as ações realizadas ao relatar a experiência vivida.

As sequências predominantes nos relatórios analisados foram a explicativa e a descritiva. Já os mecanismos de textualização que estabelecem a conexão entre o conteúdo temático predomina o uso de tópicos e subtópicos divididos de forma numérica, conforme orientações da NBR 6024 (2012). Há também o emprego de conectores interfrásticos

comuns à norma padrão da língua, mas, por serem comuns nesse gênero períodos e parágrafos curtos para marcar a objetividade do agente-produtor, há poucos mecanismos de conexão, pois predominam relações semânticas implícitas, ou seja, não registradas por algum mecanismo linguístico como uma conjunção, por exemplo.

A coesão verbal, relacionada ao predomínio do discurso teórico, é marcada por forte presença de verbos no presente com valor atemporal quando há referência a teorias, conceitos, elucidações, normatizações, e em sequências descritivas do objeto. O pretérito perfeito é utilizado para indicar o processo evolutivo em localização retroativa nas sequências narrativas. Em relação à coesão nominal, os relatórios apresentam séries coesivas construídas pela reiteração do léxico, por meio das anáforas nominais idênticas, e a presença, em sua maioria, de anáforas pronominais (por pronomes demonstrativos).

Em se tratando dos mecanismos enunciativos, o agente-produtor posiciona-se de forma impessoal distanciada do objeto de discurso, empregando predominantemente a 3ª pessoa. Há também a presença de vozes de instâncias coletivas científicas que atribuem legitimidade ao conteúdo, vozes de instituições sociais de normatizações científicas e técnicas, e a voz do autor empírico, de forma a intervir no conteúdo para sugerir ações em torno do que é enunciado. Sobre os mecanismos de modalização, predominam os lógicos e os deônticos, sendo que os primeiros objetivam estabelecer julgamentos sobre os procedimentos do mundo objetivo em relação ao objeto de análise, enquanto que os segundos mobilizam julgamentos sobre o objeto de análise, indicando ordens, sugestões e recomendações.

A partir das dimensões ensináveis do gênero, apontadas pelo modelo didático, sugerimos ações para o desenvolvimento de capacidades de linguagem a serem organizadas em sequências didáticas adequadas ao público-alvo e à área de atuação. Com isso, enfatizamos a necessidade de o trabalho da escrita em língua portuguesa ser otimizado, se pautado em um trabalho por meio dos gêneros textuais, abraçando a complexidade desse ensino, inclusive nas áreas técnicas, cuja tendência atual é

meramente as prescrições de normas técnicas, que acreditamos não serem suficientes para instrumentalizar o aluno a desenvolver uma escrita efetiva.

## Referências

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. *Português: contexto, interlocução e sentido*. v.3. São Paulo: Moderna, 2008.

ADAM, Jean Michel. *A Linguística Textual: Introdução à Análise Textual dos Discursos*. (Rev. Tec.) Luiz Passeggi e Joao Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. Quadro teórico de uma tipologia sequencial. In: BEZERRA, Benedito Gomes.; BIASI RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (orgs.). *Gêneros e Sequências Textuais*. Recife: Edupe, 2009, p.115 a 132.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Informação e Documentação - Numeração Progressiva das seções de um documento. Apresentação. NBR 6024/2012. Rio de Janeiro: ABNT, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Apresentação de relatórios técnico-científicos*. NBR 10719/2011. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

BAKHTIN, Michail, VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da Linguagem*. Tradução do francês de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2.ed. 1981.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de Linguagem. Textos e Discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. 2.ed. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC. 1999.

\_\_\_\_\_. Os gêneros de texto, quadros organizadores da “verdadeira vida” dos signos. In: BRONCKART, Jean-Paul. *As unidades em ação: estudos linguísticos e didáticos na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo*. Organização Eliane Gouvêa Lousada; Luzia Bueno; Ana Maria de Mattos Guimarães. Campinas: Mercado de Letras, 2017, p.37-50.

BUENO, Luzia. *A construção de representações sobre o trabalho docente: o papel do estágio*. São Paulo: FAPESP/EDUC, 2009.

BULEA, Ecaterina Bronckart; BRONCKART, Jean-Paul. As representações do agir educacional no quadro do gênero entrevista. In: BRONCKART, J.P. *As unidades em ação: estudos linguísticos e didáticos na perspectiva do*

*interacionismo sociodiscursivo*. Organização Eliane Gouvêa Lousada; Luzia Bueno; Ana Maria de Mattos Guimarães. Campinas: Mercado de Letras, 2017, p.161-188.

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes. Modelos Didáticos de Gêneros: questões teóricas e aplicadas. In: CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes (orgs.). *Gêneros Textuais: teoria e prática*. Londrina: Moriá, 2004, p.18-29.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p.95-128.

\_\_\_\_\_; SCHNEUWLY, Bernard. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p.149-185.

\_\_\_\_\_. As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. *D.E.L.T.A.*, n.32.1, p.237-260, 2016.

FRIEDRICH, Janete. *Lev Vigotski: mediação, aprendizagem e desenvolvimento*. Uma leitura filosófica e epistemológica. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação*. Explicitação das Normas da ABNT. 14.ed. Porto Alegre: s.n., 2006.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. 26.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GOLD, Mirian. *Redação Empresarial: escrevendo com sucesso na era da globalização*. 4.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

GREGÓRIO, Nardice Barros dos Santos. A Produção do Gênero Discursivo Relatório no Ensino Superior. In: GUIRALDELO, Claudete Moreno (org.) *Língua Portuguesa no Ensino Superior: experiências e reflexões*. São Carlos: Claraluz, 2006, p.77-92.

LEURQUIN, Eulália Vera Lúcia Fraga. O gênero acadêmico *relatório* na formação inicial do professor de língua materna. In: BUENO, Luzia; LOPES, Maria Ângela Paulino Teixeira; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes (Orgs.). *Gêneros textuais e formação inicial: uma homenagem à Malu Matencio*. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p.281 a 299.

LOUSADA, Eliane Gouveia. Textos na formação Inicial de Professores: o caso do relatório de estágio. BUENO, Luzia; LOPES, Maria Ângela Paulino

Teixeira; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes (Orgs.). *Gêneros textuais e formação inicial: uma homenagem à Malu Matencio*. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p.133 a 152.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do Trabalho Científico*: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MEDEIROS, João. Bosco. *Redação Científica*. A prática de fichamentos, resumos, resenhas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MELO, Lúvia Chaves de; BRITO Cristiane C. de Paula. Literatura de (des)motivação: representações sobre o “bom professor” em relatórios de estágio supervisionados. *Linguagem em Discurso*. v.14, n.2, 2014.

Disponível em:  
<[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/2372](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/2372)> Acesso em: 25/9/2017.

MICHEL, Maria Helena. *Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 2005.

NASCIMENTO, Elvira Lopes. O agir do professor (re)configurado nos gestos profissionais. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes; ROJO, Roxane. (Org.). *Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade*. 2.ed. Campinas: Pontes Editora, 2016, v.1, p.121-143.

OLIVEIRA, José Paulo Moreira de; MOTTA, Carlos Alberto Paula. *Como escrever textos técnicos*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

OLIVEIRA, Odisséa Boaventura; TRIVELATO, Silvia Luiza Frateschi. Dos gêneros textuais utilizados na formação do professor de Biologia. *DELTA*. v.29, n.2, São Paulo, 2013. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502013000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502013000200007)> Acesso em: 25/9/2017.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontológicas. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p.19-34.

VALEZI, Sueli Correia Lemes. *O Ensino de Língua Portuguesa em cursos técnicos no CEFET-MT: o conflito entre as vozes dos professores*. Cuiabá-MT: UFMT, 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, 2005.

\_\_\_\_\_. Relatório Técnico - um gênero como objeto de ensino de Língua Portuguesa em Cursos Técnicos e Tecnológicos. In: CAMPOS, Maria

Cristina de Aguiar. *Profscientia*: Periódico Multidisciplinar do CEFET-MT, n.3, Cuiabá: CEFET-MT, jun. 2008, p.219-237.

\_\_\_\_\_. *O Agir do Professor de Língua Portuguesa na Educação Profissional Tecnológica de Nível Superior: a linguagem construindo a atividade docente em contexto mediado por ferramentas semióticas e tecnológicas*. 2013. 357f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2014.